

Fotos: Arquivo pessoal



Vitor Schietti/Divulgação



Em 2015, recebendo honraria do rei Philippe, da Bélgica



No Togo, com entidade tradicional, mulheres e guerreiros Xangô

Com filhos, irmã e colegas, na banca que o reconheceu professor titular



Visita do geógrafo Milton Santos à UnB: "Siga em frente", disse o mestre ao conhecê-lo

protestos da mãe e com o incentivo do pai, ele se inscreveu na seleção do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) e foi aceito. "Não era para você ser professor", reclamava a mãe, sem sucesso. "Eu já sou", respondia Rafael, prestes a embarcar para o Planalto Central. "Eu acredito bem nisso, e continuo acreditando: a arte e a educação são duas portas concretas para transformar."

## O digital e a tradição

O doutorado, Rafael cursou na Poli, da Universidade de São Paulo (USP), na área de geoprocessamento. Em 2015, tornou-se o primeiro negro professor titular da UnB. O projeto Geoafro, inclusive, adiantou os principais aspectos da inteligência artificial tão popular na atualidade,

respondendo a perguntas sobre o Brasil africano em uma plataforma digital. O professor mapeou todas as principais conquistas do movimento negro nos últimos 70 anos, desde os primeiros movimentos sociais no Sul do país até a decretação do feriado nacional para celebrar o Dia da Consciência Negra. "Isso é geografia automatizada. Isso é ordenamento do território conectado com populações invisibilizadas secularmente", descreve o professor. "São territorialidades. E quando estou falando em territorialidade, estou falando de identidade, de pertencimento."

O resultado, visível nos mapas e que Rafael acompanhou ao longo da trajetória acadêmica, é uma mudança expressiva, tanto de participação dessa população quanto de visibilidade aos problemas que emergem do racismo. "Hoje,

sentamos em uma mesa de decisões e o Brasil africano tem um lugar. Isso já está colocado, mas foi uma construção. Hoje, a Universidade de Brasília para no mês de novembro. Eu sou da geração que construiu esse caminho", detalha.

## Estudo da diáspora

As portas se estenderam quando, numa viagem quase que por acaso à Bélgica, Rafael conheceu o Museu Real da África Central. A epifania causada por esse encontro causou uma inquietude tão grande que o professor voltou, pouco tempo depois, para se debruçar por uma semana inteira no arquivo histórico da instituição.

"Vi os mapas do século 16, vi as fotografias do século 19, vi o acervo geográfico, cartográfico, fantásticos,

do período da dominação belga do século 19. Quem tinha ido lá era Yeda Castro, a linguista, 30 anos antes. Então, depois de 30 anos, volto eu, outro brasileiro, para mexer nessas referências geográficas, cartográficas da diáspora África-Brasil", detalha. E não parou por aí: conseguiu ser contemplado com uma bolsa de pós-doutorado no país europeu para estudar o fenômeno. A pesquisa incluiu uma temporada no Congo e em Angola.

Um mundo de (re)descobertas se abre nesse momento para Rafael. Os mapas do continente africano dos séculos passados revelam vários antigos reinos, chefarias e idiomas. "Era uma realeza que vinha para cá", desvela o professor. "As línguas bantu ajudaram o nosso português, o português de Portugal, a ficar mais macio, e de maneira brilhante. O

negro virou 'meu nego', minha nega' Aliviou a carga da violência. Então, as línguas africanas amaciaram o nosso português, por isso que aqui é único. As línguas indígenas, também."

Hoje, além de professor da Pós-Graduação na UnB, dá aulas como docente convidado na UFBA e segue na pesquisa no Instituto Káwô, seguindo a orientação que recebeu, anos atrás, do geógrafo negro Milton Santos, referência no país: "Vai dar certo! Siga em frente."



Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira os mapas